



**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTOS - SECD.
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS – CAPF
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS – DLE
CURSO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA**

PEDRO HENRIQUE QUEIROZ MAIA

**UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DE PRONÚNCIA E ORALIDADE NO LIVRO
DIDÁTICO “*WAY TO ENGLISH TO BRAZILIAN LEARNERS*”**

**PAU DOS FERROS
2024**

PEDRO HENRIQUE QUEIROZ MAIA

**UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DE PRONÚNCIA E ORALIDADE NO LIVRO
DIDÁTICO “WAY TO ENGLISH TO BRAZILIAN LEARNERS”**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF)*, como requisito obrigatório para a licenciatura em Letras – Língua Inglesa.

Orientador (a):

Prof.: Dr. José Rodrigues de Mesquita Neto

**PAU DOS FERROS
2024**

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Q3a Queiroz Maia, Pedro Henrique
 UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DE PRONÚNCIA E
 ORALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO WAY TO ENGLISH TO
 BRAZILIAN LEARNERS. / Pedro Henrique Queiroz Maia. -
 Pau dos Ferros, 2024.
 46p.

 Orientador(a): Prof. Dr. José Rodrigues de Mesquita
 neto.


 Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
 Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas)).
 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

 1. Oralidade. 2. Pronúncia. 3. Abordagem. 4. Livro
 Didático. I. Mesquita neto, José Rodrigues de. II.
 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.


A monografia “Uma análise da abordagem de pronúncia e oralidade no livro didático “Way to english to brazilian learners” de autoria de Pedro Henrique Queiroz Maia, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo DLE/CAPF/UERN, como requisito necessário para obtenção do título de licenciado em Letras – língua Inglesa, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Defendido e aprovado em 01/ 03/ 2024


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 JOSE RODRIGUES DE MESQUITA NETO
Data: 05/03/2024 20:40:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Rodrigues de Mesquita Neto (Presidente/Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Documento assinado digitalmente
 LILIANE DA SILVA SOUZA
Data: 05/03/2024 20:35:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Esp. Liliane da Silva Souza (Examinadora Externa)
Secretaria de Educação do Estado do Ceará

Documento assinado digitalmente
 JOSEANE DE SOUZA OLIVEIRA
Data: 05/03/2024 21:24:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Ma. Joseane de Souza Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

AGRADECIMENTOS

Ao longo desse grande percurso encontrei inúmeros desafios, os quais me fizeram mais fortes sempre que os superava, atrelado a isso, pude contar com alguns companheiros que puderam me ajudar nessa jornada, amigos, família e professores. Por isso, ser grato a cada pedacinho de força obtida até o presente momento é essencial. Diante de todo o conhecimento e experiências adquiridas, gostaria de fazer os seguintes agradecimentos:

Agradeço primeiramente a Deus, agradeço também a minha família, em especial minha queridíssima mãe, Irani Leite de Queiroz, mulher forte, batalhadora, que mesmo sendo mãe solteira, conseguiu sempre me guiar pelo melhor caminho, espelhando seu caráter como exemplo em minha vida. Aos meus avós, Acrísio Almeida Leite e Adelaide Pessoa de Queiroz, que sempre sonharam em que um dia eu pudesse me formar. À minha namorada Thallia Alves Vasconcelos, que foi extremamente importante nessa jornada, estando comigo em cada passo conquistado, e dividindo a carga de meus dias mais difíceis. Ao meu primo Deymisson Martins, que em todas as vezes que precisei contar com sua ajuda, esteve sempre a disposição.

Agradeço à todas as turmas em que pude fazer parte nesses últimos anos, em especial, esta última que me maravilhosamente me acolheu. Agradeço em especial, meus irmãos de batalha, Jonas Rodrigues e Giovando Franklin, que estiveram comigo lado a lado em todos os momentos, sem eles, com certeza o caminho teria sido muito mais difícil. À minha amiga Luana Rodrigues, que sempre esteve a disposição compartilhando seus conhecimentos e me ajudando de maneira categórica. Aos demais amigos, que de alguma forma fizeram parte desse percurso.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. José Rodrigues de Mesquita Neto, por acreditar em meu potencial, desde a primeira vez que conversamos sobre o trabalho, me orientando sempre de maneira irretocável. Gostaria de externar também meus agradecimentos aos membros da banca examinadora Prof^a. Ma. Joseane de Souza Oliveira e Prof^a. Esp. Liliane da Silva Souza. E por fim, agradeço a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e todo o seu corpo docente por me possibilitarem cursar o Ensino Superior.

RESUMO

A utilização da língua inglesa nos mais diferentes âmbitos (comércio, políticas socioeconômicas e culturais) dissemina o idioma em todo o mundo globalizado. Nessa perspectiva, há algumas décadas, em território nacional, é implementado o ensino desse idioma na educação básica. No entanto, é notório que a forma em que as leis anteriores responsáveis pela educação básica como os PCN (Brasil, 1997) e OCN (Brasil, 2006) não preconizavam o ensino de oralidade e pronúncia com a mesma importância da leitura e escrita. Nesse âmbito, as atualizações propostas dentro da BNCC (Brasil, 2018), hoje responsável pelas principais diretrizes da educação brasileira, o eixo oralidade ganha equivalência perante os demais. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral analisar a abordagem dada ao ensino de pronúncia e oralidade no livro didático *Way to English to Brazilian Learners*. Com o exposto, tomamos como base as próprias leis que regem a educação já citadas acima, juntamente com os teóricos Alves (2012), Barreto, Alves (2012), Cypriano (2022), Haupt (2022), Lima JR (2022), Silva e Martins (2022), entre outros. Como metodologia, optamos por uma pesquisa de cunho quali-quantitativo e descritivo, cujo *corpus* foi o livro didático *Way to English to Brazilian Learners*, do 6º ano, aprovado pelo PNLD (2020). Como resultados, observamos, que o material didático já contempla o aporte do eixo oralidade como previsto na BNCC, contudo, sua abordagem prática ainda requer alguns ajustes, tendo em vista que as atividades são poucas em comparação as demais habilidades linguísticas, como também, as mesmas propostas se perpetuam durante praticamente todas as unidades, o que sugere uma diversificação delas. A execução desse tipo de pesquisa implica em melhorias no desenvolvimento dos materiais didáticos a seres disponibilizados, cuja importância é indispensável ao apoio do trabalho do professor, e no que concerne o ensino de língua, especialmente língua estrangeira, deve-se abordar o ensino da língua como um todo, sem detrimento algum, pois para seu desenvolvimento é essencial a prática para alcançar o objetivo de toda língua, a comunicação.

Palavras-chave: Oralidade, pronúncia, abordagem, livro didático.

ABSTRACT

The use of the English language in many different areas (commerce, socio-economic and cultural policies) has disseminated the language around the globalized world. From this perspective, the teaching of this language in basic education has been implemented for some decades on national territory. However, it is notorious that the previous laws responsible for basic education, such as the PCN (Brazil, 1997) and OCN (Brazil, 2006), did not prioritize the teaching of orality and pronunciation with the same importance as reading and writing. In this context, the updates proposed within the BNCC (Brasil, 2018), which is now responsible for the main guidelines of Brazilian education, have given the orality axis equivalence with the others. Therefore, the general objective of this work is to analyze the approach to teaching pronunciation and orality in the *Way to English for Brazilian Learners* textbook. Thus, we took as our basis the laws governing education mentioned above, along with the theorists Alves (2012), Barreto, Alves (2012), Cypriano (2022), Haupt (2022), Lima JR (2022), Silva and Martins (2022), among others. As a methodology, we opted for a qualitative-quantitative and descriptive study, whose corpus was the 6th grade textbook *Way to English to Brazilian Learners*, approved by the PNLD (2020). As a result, we observed that the didactic material already includes the orality axis as stipulated in the BNCC, however, its practical approach still requires some adjustments, given that the activities are few in comparison to the other language skills, as well as that the same proposals are perpetuated during practically all the units, which suggests a diversification of them. The realization of this kind of study implies improvements in the development of teaching materials to be made available, the importance of which is essential to support the work of the teacher, and as far as language teaching is concerned, especially foreign language teaching, it should be approached as a whole, without detriment, because for its development it is essential to practice in order to achieve the goal of all language, communication.

Keywords: Orality, pronunciation, approach, textbook.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Variação alofônica americana.	20
Quadro 2 - Variação alofônica britânica.....	21

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Quantitativo de atividades segundo tipologia.....34

Gráfico 02 - Atividades vinculadas ao ensino de pronúncia e oralidade.....34

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2. ORALIDADE E PRONÚNCIA: UM PASSEIO PELOS CONCEITOS	14
2.1 Competência oral: o que devemos ensinar?	14
2.2 Variantes alofônicas do inglês como língua estrangeira	21
2.3 O ensino de pronúncia	22
3. METODOLOGIA	26
3.1 Desenho da pesquisa	26
3.2 Amostra	27
3.3 Análises dos dados	28
4. ANÁLISE DOS DADOS	31
4.1 Divisão e aplicação das atividades	33
4.2 Suficiência das Propostas	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
6. REFERÊNCIAS	45

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua inglesa foi difundida ao redor do mundo não somente como língua oficial de muitos países, mas também como língua franca¹. Tais fatores nos levam a pensar: como essa língua está sendo ensinada? O ensino e aprendizagem de um idioma, seja ele como língua nativa ou estrangeira, requer que o processo seja desempenhado através das quatro habilidades linguísticas: ouvir, falar, escrever e ler, visto que elas se complementam na efetivação da comunicação.

No Brasil, o inglês é ofertado na grade curricular do ensino básico como língua estrangeira², ensinado a partir do ensino fundamental II e conclui-se no final do ensino médio (Brasil, 2018). Muitos pesquisadores desenvolvem trabalhos voltados ao ensino de língua inglesa no que concerne à oralidade e ao ensino de pronúncia em busca de identificar possíveis equívocos a serem melhorados. Nesta pesquisa, optamos por realizar uma análise do eixo oralidade e, de forma mais específica, do ensino de pronúncia dentro do material didático utilizado na rede municipal de Iracema, Ceará.

O ensino de língua inglesa no Brasil, passa por percalços que são de extrema importância para um ensino e aprendizagem de língua estrangeira (doravante LE) tais como: pouca carga horária destinada ao ensino de inglês, salas excessivamente lotadas, infraestrutura defasada, falta de fluência do docente, entre outros. Tais fatores acabam acarretando na ênfase em trabalhar mais gramática e estratégias de leitura da língua do que a comunicação em si. Para Cypriano (2022, p. 15), é comum que priorizem “[...] o desenvolvimento das estratégias de leitura dos alunos, talvez por conta do excessivo número de alunos em sala e do nível de fluência dos professores, que nem sempre possibilita trabalhar a oralidade”. Justamente por essas necessidades de foco majoritariamente no que concerne à gramática e às estratégias de leitura, a oralidade e propriamente o ensino de pronúncia, não se consegue fazer o estudo correto e estruturado dos fonemas, símbolos fonéticos e até mesmo das variantes.

No que se refere ao ensino voltado à oralidade, no ensino básico, “os PCN geralmente não orientam os professores a trabalharem a oralidade” (Cypriano, 2022,

¹ Segundo a UNESCO (1953, p. 46 apud LOPES; BAUMGARTNET, 2019, p. 3) língua franca “é aquela usada habitualmente por pessoas cujas línguas maternas são diferentes, a fim de facilitar a comunicação entre elas.” Jenkins (2009) complementa informando que hoje em dia, há uma visão mais ampla que define o ILF, dessa forma, incluindo todos os usuários de inglês dentro dessa nomenclatura..

p. 15), as orientações que os professores seguiam, tinha como foco as demais habilidades como principais. E com as atualizações da BNCC (Brasil, 2018) que definiu o ensino de língua em cinco eixos, divididos em leitura, escrita, conhecimentos linguísticos, conhecimentos gramaticais e oralidade, este último em especial, obteve um ganho de importância, equivalendo aos demais eixos voltados especificamente ao ensino fundamental II.

Com base no elencado até aqui, este trabalho tem como objetivo geral analisar a abordagem dada ao ensino de pronúncia e oralidade no livro didático *Way to English to Brazilian Learners*, além desse, como objetivos específicos pretendemos: a) Identificar qualitativamente e quantitativamente as atividades voltadas para o ensino de oralidade, b) Verificar se e como o ensino de pronúncia é contemplado, c) Detectar qual ou quais variantes alofônicas da língua inglesa é ensinada.

Há muitos motivos que justificam a motivação e a relevância dessa pesquisa. Inicialmente, no tocante à motivação pessoal, partimos das observações durante os anos como aluno na rede pública de ensino, tanto no ensino fundamental quanto no médio. Durante os anos como aluno na disciplina de língua inglesa sentia dificuldades no seu aprendizado, em especial, a falta de uma abordagem interativa-comunicativa, já que, ao se tratar do ensino de uma língua, essa abordagem é essencial para um desenvolvimento linguístico prático.

É notória a importância dada pela BNCC (Brasil, 2018) no que concerne à implementação do eixo oralidade em suas diretrizes. Diante disso, é importante voltamos os olhos para as motivações que foram imprescindíveis para tal. De fato, percebe-se que a abordagem comunicativa e interativa está sendo tratada como um fator indispensável para uma aprendizagem mais completa de língua inglesa.

Somado a isso, já na universidade, percebi que muitos colegas apresentavam dificuldades no tocante à pronúncia de alguns sons do inglês. Como futuro professor desse idioma, pensar nos motivos que isso acontecia e em possibilidades para a melhoria da aprendizagem, instigaram-me a realizar essa pesquisa. A pesquisa permitirá o surgimento de reflexões para novos estudos nessa área, e também, atentará para diferentes abordagens no tocante a oralidade e o ensino de pronúncia.

Portanto, o trabalho de análise buscou identificar de que maneira o material didático está disponibilizando os conteúdos para os alunos, bem como, as estratégias e recursos para os professores de língua inglesa. A partir disso, foi possível obter uma compreensão abrangente sobre como esse livro didático aborda o ensino de

pronúncia e oralidade, destacando tanto a qualidade quanto a quantidade de atividades direcionadas a essas competências linguísticas específicas. Essa investigação se propõe a oferecer insights valiosos sobre a eficácia do material em promover um aprendizado efetivo da pronúncia e do desenvolvimento da comunicação oral em inglês para os aprendizes brasileiros.

A monografia está dividida em 5 (cinco) capítulos. O primeiro é o de considerações iniciais. Já o capítulo 2 é o de fundamentação teórica no qual dividimos nos seguintes subtópicos: No subtópico 1, intitulado "Competência Oral: O que devemos ensinar?", foram discutidos os principais aspectos relacionados ao ensino da competência oral em inglês, delineando o conteúdo essencial que deve ser abordado nesse contexto educacional. O segundo, por sua vez, "Variantes Alofônicas do Inglês como Língua Estrangeira", aborda as diferentes variantes de pronúncia no inglês como língua estrangeira, destacando a importância de compreender e reconhecer essas nuances para um efetivo aprendizado da língua. Já no terceiro, "O Ensino de Pronúncia", exploramos estratégias e métodos eficazes para o ensino da pronúncia em contextos de aprendizagem de inglês como LE, fornecendo uma base sólida para a compreensão e aplicação dessas práticas no ambiente educacional.

O capítulo 3, refere-se à metodologia, foi subdividido em três subtópicos. O primeiro, "Desenho da Pesquisa", discute a estrutura e o desenho metodológico da pesquisa. O segundo, "Amostra", aborda a seleção e características da amostra utilizada no estudo. Por fim, o terceiro, "Análises dos Dados", detalhará os métodos e técnicas de análise empregados para interpretar os resultados obtidos durante a pesquisa.

O capítulo 4, tratará da análise do *corpus*, que está composto pelo contexto da língua inglesa na educação básica, com o intuito de compreender como esta língua é disponibilizada no Brasil, os apontamentos dos objetivos do material didático visando os objetivos do livro de acordo com a matriz curricular, e por fim, a divisão das propostas de atividades, buscando identificar as atividades voltadas para o eixo oralidade.

No último capítulo, as considerações finais, retomamos nossos objetivos e apresentamos nossos achados, além de apresentar lacunas do trabalho.

2 ORALIDADE E PRONÚNCIA: UM PASSEIO PELOS CONCEITOS

Para um desempenho consistente da pesquisa, o aporte teórico é imprescindível como alicerce. Sendo assim, cada seção desse capítulo apresentará apontamentos pertinentes a cada uma delas, como também, seus autores, e como essas questões se aplicam nas situações inerentes à pesquisa.

Neste capítulo, exploramos questões cruciais relacionadas à competência oral no ensino de inglês como língua estrangeira. Para isso, dividimos em três partes. No que concerne ao item 2.1 abordamos o conceito abrangente de competência oral, apontando suas dimensões e destacando a importância de seu desenvolvimento no contexto educacional. Será discutido o que significa adquirir habilidades orais sólidas e como os educadores podem orientar os alunos nesse processo, abordando aspectos práticos e estratégias pedagógicas.

Além disso, concentramo-nos nas variantes alofônicas do inglês como língua estrangeira no tópico 2.2, apresentando exemplos de diferentes pronúncias e suas influências contextuais e regionais. Exploramos como a compreensão dessas variações pode enriquecer a experiência de aprendizado e promover uma comunicação mais eficaz.

Concomitantemente, concentramos o tópico 2.3 exclusivamente no ensino de pronúncia, detalhando métodos, tecnologias e abordagens eficazes para aprimorar a habilidade dos alunos na produção e compreensão sonora, contribuindo para uma comunicação mais clara e autêntica em inglês.

2.1 Competência oral: o que é e o que se deve ensinar?

A competência oral é uma habilidade fundamental no aprendizado de um novo idioma e refere-se à capacidade de se expressar e compreender oralmente a língua-alvo. Essa competência envolve uma série de elementos, como o uso adequado do vocabulário, a fluência na comunicação, a compreensão auditiva e a capacidade de interagir de forma efetiva e natural com outras pessoas. Dessa forma, a BNCC (Brasil, 2018, p. 243) compreende que o eixo oralidade

[...] envolve as práticas de linguagem em situações de uso oral da língua inglesa, com foco na compreensão (ou escuta) e na produção

oral (ou fala), articuladas pela negociação na construção de significados partilhados pelos interlocutores e/ou participantes envolvidos, com ou sem contato face a face.

Para tal, a competência oral no ensino de língua inglesa desempenha um papel central na formação linguística e comunicativa dos estudantes, pois os capacita a interagir de maneira eficaz em situações de comunicação. Nesse contexto, a oralidade é entendida como uma habilidade multifacetada que abrange a capacidade de compreender, produzir e interagir por meio de uma língua.

Durante as últimas décadas, no Brasil, a abordagem do ensino de LE passou por algumas mudanças com intuito de adequar-se aos melhores métodos de ensino e obter um desempenho mais eficaz. Como apontado por Cypriano (2022, p. 13) “o ensino das disciplinas integrantes da grade curricular da educação básica é regido por leis, parâmetros e/ou orientações federais, estaduais e municipais”. Com base na citação supracitada, é de grande importância que essas leis sejam de fato aplicadas. No que concerne à língua inglesa, o eixo voltado à oralidade, destinado pela BNCC (Brasil, 2017), muda os enfoques dos documentos oficiais que designam o rumo da educação, visto que anteriormente o texto oral estava esquecido ou apenas subentendido.

As orientações trazidas nos documentos oficiais compartilham crenças e experiências de diversos profissionais que versam sobre conceitos educacionais e direcionam à prática docente.

Fazendo um percurso pelos documentos, partimos das diretrizes educacionais existentes que orientam o ensino de língua estrangeira, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Orientações Curriculares Nacionais (OCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A lei de diretrizes e bases (LDB) n° 9.394/1996, art. 26, § 5° preconizava “que todo aluno tinha direito a aprender uma língua estrangeira moderna, do segundo segmento do ensino fundamental até o médio” (Cypriano, 2022, p. 14), na qual em 2017, o § 5° fora alterada passando a vigorar o ensino obrigatório de língua inglesa.

No que concerne o ensino de inglês, as OCN (Brasil, 2006) destacam a importância de abordagens comunicativas que promovam a interação e a expressão oral dos alunos, incentivando a prática da língua em contextos significativos e reais. Os alunos são incentivados a usar a língua-alvo para resolver problemas, tomar decisões, expressar opiniões e participar de discussões e debates.

Já nas abordagens sugeridas pelos PCN (Brasil, 1997), o desenvolvimento da habilidade oral se dá a partir da exposição do aluno a situações reais de comunicação, promovendo atividades interativas em sala de aula. Para Cypriano (2022, p. 15) “[...] os PCN geralmente não orientam os professores a trabalharem a oralidade, de modo a deixar o uso dessa abordagem apenas a critério de simples escolha da escola ou educador”.

Por sua vez, a BNCC (Brasil, 2018) aponta para a necessidade de desenvolver as competências comunicativas dos alunos, incluindo a habilidade oral. Ela enfatiza a importância da oralidade como meio de se comunicar em diferentes contextos sociais e culturais, e sugere o uso de atividades colaborativas, eventos de fala, debates e apresentações orais como estratégias para o desenvolvimento da competência oral dos alunos.

De maneira mais organizada, a BNCC (Brasil, 2018) divide o ensino de língua inglesa em cinco eixos – oralidade; leitura; escrita; conhecimentos linguísticos e conhecimentos gramaticais – e uma dimensão, a intercultural, o que transforma o ensino de língua inglesa mais adequado sem haver detrimento de uma habilidade linguística sob outra. Dessa forma, a BNCC (Brasil, 2018) aponta para a necessidade de desenvolver as competências comunicativas dos alunos, incluindo a habilidade oral. Ela enfatiza a importância da oralidade como meio de se comunicar em diferentes contextos sociais e culturais, sugerindo o uso de atividades colaborativas, eventos de fala, debates e apresentações orais como estratégias para o desenvolvimento da competência oral dos alunos.

No que tange o enfoque no eixo oralidade, diferentemente dos PCN (Brasil, 1997), a BNCC (Brasil, 2018) promove uma das melhores maneiras para o desenvolvimento da expressão e compreensão oral, já que um dos principais motivos de aprender uma nova língua é poder se comunicar com outros falantes de modo que se possa compreender e ser compreendido, mantendo um diálogo adequado que permita a interação mútua entre as pessoas. Além disso, as diretrizes sugerem a inclusão de atividades que promovam a interação oral em diferentes contextos, como situações formais e informais, debates, entrevistas, apresentações e diálogos autênticos.

A tecnologia também pode ajudar a desempenhar um papel importante no ensino e aprendizado da competência oral, pois o uso da multimodalidade é de grande

importância, como por exemplo, prática da língua por meio de videoconferências, troca de mensagens e conteúdos de multimídia.

Como forma de se obter um desempenho mais eficaz, busca-se por diferentes abordagens e métodos existentes de ensino de LE que enfatizam a habilidade oral de diversas maneiras. No que se refere ao estudo da oralidade e do ensino de pronúncia, a maneira na qual se insere o conteúdo é essencial. Deste modo, conhecer as principais abordagens e métodos, traz uma gama de possibilidades no trabalho do profissional de letras. A seguir, apresentamos os principais métodos e abordagens de ensino que enfocaram, de alguma forma, suas técnicas ao ensino de pronúncia ou da oralidade.

Iniciamos com o Método Direto, também conhecido como Método Natural, busca ensinar a língua-alvo da mesma forma que se aprende sua língua materna (doravante LM). Buscando replicar o processo de aquisição da LM no contexto do aprendizado de uma LE, já que se baseia no princípio da natividade, ou seja, a busca por uma pronúncia “igual” a de um nativo. O cerne desse método é imitar o processo natural de aquisição linguística, enfatizando a comunicação oral e a exposição direta à língua alvo, em vez de depender de regras gramaticais e tradução.

Da mesma forma como uma criança aprende sua língua nativa, por meio da exposição direta e prática, o método aqui mencionado enfatiza a comunicação efetiva em situações reais. As aulas são conduzidas principalmente na língua que está sendo aprendida. O foco está em contextos comunicativos, diálogos autênticos e interações significativas que refletem situações do dia a dia.

Em complemento, o método direto incentiva o aprendiz a associar significados diretamente aos objetos e conceitos, evitando a tradução. A gramática é ensinada de maneira indutiva, ou seja, os alunos deduzem as regras gramaticais a partir de exemplos práticos, em vez de receber explicações formais. Esse método busca criar um ambiente de aprendizado mais imersivo e intuitivo, por meio da exposição constante e da prática contextualizada. Dessa maneira, os alunos são expostos a falantes nativos (professor) e/ou recursos audiovisuais para a melhora da pronúncia e habilidade de escuta. Portanto, este método, preconiza a prática da língua, utilizando de imersão como ponto principal na comunicação e no tocante ao ensino de pronúncia foca na imitação.

Como apontado, os métodos possuem características próprias que os diferenciam, e isso reflete-se também na escolha de qual usar, Cypriano (2022, p. 15)

sinaliza que “a importância dada a determinado idioma está atrelada à dinâmica que nos trouxe ao momento sócio-histórico-cultural em que estamos inseridos”. Portanto, para a escolha dos tipos de abordagens, deve ser levado em conta o contexto inserido.

Diante disso, passemos ao próximo, o Método Áudio-Oral, este possui algumas semelhanças com o anterior, visto que também preconiza a imitação e foca na teoria da natividade. Esse método, portanto, baseia-se na audição e na fala, isto é, escutar e repetir. Ele se concentra na prática auditiva e na produção oral, usando certos padrões de diálogo e exercícios de repetição. Assim, a pronúncia é trabalhada através de uma abordagem fonética, ajudando os alunos a reproduzirem sons e entonações corretamente. Para esse método são usadas gravações de áudio e recursos visuais para modelar e praticar a pronúncia com eficácia. Outra característica é memorização oral e a familiaridade com os sons da língua-alvo, tentando aproximar a pronúncia ao mais natural possível.

Por fim, apresentamos a Abordagem Comunicativa que enfatiza a comunicação como objetivo principal do aprendizado de línguas. Ele promove a interação entre os alunos e incentiva a expressão verbal em situações reais. A pronúncia é abordada como parte integral da comunicação, com a correção de erros e aprimoramento contínuo da pronúncia. O método utiliza atividades baseadas em tarefas, jogos de interpretação de papéis, discussões e projetos para envolver os alunos em contextos autênticos de comunicação. Ponto primordial também, é a exposição a falantes nativos e a autênticos materiais audiovisuais, que contribuem no aprimoramento da compreensão oral.

Salientamos ainda, que apesar do uso de amostras reais e da correção da pronúncia, essa abordagem tem como objetivo priorizar a inteligibilidade, ou seja, para uma comunicação eficaz, o falante não precisa esquecer dos sons da sua língua ou imitar a fala do nativo, mas sim evitar sons que impossibilitem o entendimento ou o grande esforço de compreensão.

Comunicar é ponto principal, o erro faz parte do processo. A ideia é que dentro das tentativas, mediante a interação, o aprendiz alcance o objetivo. Deste modo, a correção sistemática não é o ponto principal, pois a abordagem comunicativa não tem a intenção de padronizar uma variante, excluindo as características socioculturais do aprendiz.

Em resumo, a habilidade oral desempenha um papel central no aprendizado de línguas estrangeiras. Embora diferentes métodos e abordagens valorizem essa

habilidade de maneiras distintas, o ensino comunicativo, priorizando a prática autêntica e significativa da língua, é o mais comumente usado para promover o desenvolvimento da competência oral. As diretrizes educacionais brasileiras reforçam, em maior proporção, a importância da oralidade no ensino de inglês, incentivando situações reais de comunicação e interação em sala de aula.

É importante ressaltar também que, quaisquer métodos escolhidos, a combinação de abordagens pode ser ainda mais eficaz para promover um melhor aproveitamento do ensino de oralidade e pronúncia. O objetivo do ensino de pronúncia não deve ser voltado para a padronização de apenas uma variante ou sotaque, principalmente no que diz respeito à uma língua internacional, já que os fonemas das línguas nativas de cada país podem influenciar na pronúncia e ritmo. Dessa forma, a maneira mais adequada seria tratar esse processo como essencial para que a comunicação possa acontecer sem que haja um prejuízo entre os falantes.

Assim como os métodos e abordagens possuem sua importância para o ensino e aprendizado de uma LE, conhecer as variantes da língua alvo também é. Para isso, devemos compreender seus usos e respeitar as diferentes formas de falar.

2.2 Variedades alofônicas do inglês como língua Estrangeira

Variações alofônicas referem-se às diferentes pronúncias de sons em uma língua. A sua realização pode estar condicionada ao contexto fonotático, isto é, a posição na qual o fonema se encontra dentro da palavra, ou às questões regionais (sotaque). É importante destacar que todas as línguas possuem variações e não há uma pronúncia mais correta do que outra.

Não se pode deixar o ensino das habilidades de ouvir e falar em segundo plano, devendo-se também instigar sua prática e avaliando seu desempenho em conjunto. O teste de habilidades orais “permite avaliar o desempenho do aprendiz na língua (e não sobre a língua), o nível de sua constituição identitária na e pela língua em aprendizagem” (Silva; Martins, 2020, p. 53). Deste modo, compreende-se que para o melhor desenvolvimento de cada aprendiz em seu contexto, é importante obter o conhecimento das variantes, o incentivo à prática de pronúncia e a sua avaliação adequada.

No ensino de inglês como LE, é comum fazer uma distinção entre inglês americano e britânico, como sendo os únicos possíveis e sem variação existente em

território americano ou britânico, mas é crucial ressaltar que a língua inglesa é falada em diversos países como LM e em outros diversos como segunda língua ou língua estrangeira, resultando em uma diversidade linguística gigantesca. Assim, não podemos restringir as variações alofônicas resumindo-as em dois grandes grupos (americano e britânico). Lima Jr e Silveira (2020, p. 19) apontam que:

Um dos desafios de apresentar as vogais do inglês está no fato de existirem vários dialetos e variedades do inglês, com diferenças no sistema vocálico. Até mesmo na divisão entre inglês americano e inglês britânico, comumente utilizada por editoras de livros didáticos, há esse desafio, pois não existe apenas uma variedade de inglês americano ou uma de inglês britânico, da mesma forma que não conseguimos caracterizar um português que seja falado em todo o Brasil.

Mesmo dentro de um mesmo país, a variabilidade linguística é evidente, devido a diferentes dialetos e sotaques regionais. O inglês falado nos Estados Unidos apresenta variações significativas em sua pronúncia, que podem ser notadamente percebidas entre as regiões Norte, Sul, Leste e Oeste do país. Essas diferenças regionais são o resultado de uma combinação de fatores históricos, culturais e de migração, criando um mosaico de sotaques distintos.

Por exemplo, uma palavra como 'car' pode soar diferentemente dependendo de onde você está nos Estados Unidos. Na região Norte, especialmente em áreas como Boston, poderíamos ouvir uma pronúncia que omite o 'r' pós-vocálico, transcrita como [kɑ:]. Por outro lado, no Sul dos Estados Unidos, há uma tendência para uma pronúncia mais aberta da vogal e inclusão do 'r', que seria transcrita como [kɑ:r]. Vejamos mais alguns exemplos no quadro 1:

Quadro 1 – Variação alofônica americana.

Palavra	Pronúncia Padrão Americana	Pronúncia do Sul
About	[ə'baʊt]	[ə'baʊt]
Water	['wɔ:tər]	['wɑ:tə]
Car	[kɑ:r]	[kɑ:]

Fonte: Elaboração nossa.

Da mesma forma que nos EUA, o inglês do Reino Unido não é uniforme e apresenta variações que refletem a riqueza de sua história linguística. Podemos

escutar diferenças notáveis entre os sotaques de Londres, Liverpool, Escócia e Gales, por exemplo.

A palavra '*bath*', que tem uma vogal curta no sotaque do Sul da Inglaterra [bæθ], normalmente soa com uma vogal mais longa no Norte [ba:θ]. Além disso, ao analisarmos o uso do 'r' pós-vocálico, encontramos que é muito menos presente no Inglês padrão do Sul, mas ainda muito usado em regiões como o Sudoeste. Considere os exemplos a seguir, apresentados no quadro 2:

Quadro 2 – Variação alofônica britânica.

Região	Bath	Heart
Sul	[bæθ]	[hɑ:t]
Norte	[ba:θ]	[hɑ:t]
Sudoeste	[bæθ]	[hɑ:rθ]

Fonte: Elaboração nossa.

Além disso, como o inglês é uma língua franca global, os aprendizes devem estar preparados para se expor a diferentes formas de fala. A exposição a variedades de pronúncia é essencial para o desenvolvimento da audição e, conseqüentemente, da percepção desses aprendizes. Assim, fomentando a oralidade dos estudantes. Ao serem expostos a diferentes formas de pronunciar as palavras, os aprendizes aprendem a identificar e compreender diferentes sotaques e estilos de fala. Com isso, estarão mais capacitados a compreender diferentes variantes, possibilitando que o aprendiz de língua inglesa esteja mais apto a desempenhar diálogos inteligíveis e sem problemas de compreensão.

Como dito anteriormente, existem variações tanto regionais, em que a pronúncia de um som pode diferir de uma região para outra (como apresentamos nos quadros), quanto de contexto fonotático, quando um som pode se alterar dependendo da posição em que se encontra dentro da palavra. Para exemplificar este último caso, selecionamos a pronúncia da letra "t" que pode variar entre um r vibrante [r], como em *Italy* ['Itəli], mas que não é possível essa realização na nacionalidade desse país, como em *Italian* [ɪ'tæljən] que deve permanecer o som [t]. Isso acontece devido a posição que o grafema se encontra e ao fator tonicidade, pois, de acordo com a gramática fonológica do inglês, só é possível a realização do grafema 't' como vibrante em sílabas átonas. Essas distinções técnicas ocorrem com frequência e devem ser

apontadas e descritas no processo de ensino das variantes alofônicas da língua inglesa.

Portanto, ao aprender inglês como LE, é importante que os estudantes tenham exposição a múltiplas variantes de pronúncia para se adaptarem a diferentes interlocutores e contextos comunicativos. Essa diversidade de pronúncias contribui para um desenvolvimento mais completo das habilidades de comunicação na língua inglesa.

2.3 O ensino de pronúncia

O ensino de pronúncia é um aspecto fundamental no aprendizado de uma língua estrangeira, pois possibilita a comunicação eficaz e a compreensão adequada pelos interlocutores. No entanto, é importante compreender que a pronúncia e seu ensino não se limitam apenas à articulação dos sons, mas também a percepção e a reflexão de seus usos, assim como apresentado por Farias (2014, 2018) e reforçado por Mesquita Neto (2022). Este último, ainda enfatiza que "para que um falante chegue a ter uma pronúncia inteligível e compreensível, ele deverá ter uma boa percepção dos elementos que a constituem". (Mesquita Neto, 2022).

Partindo da fala de Silva (2022), é essencial que o enfoque do ensino de pronúncia dentro do eixo da oralidade seja fundamentado. Alves (2012, p. 214) afirma que "a instrução explícita representa uma prática de grande importância em sala de aula. Através dessa prática, pode-se chamar a atenção do aprendiz para os detalhes da forma que até então não haviam sido notados". Em consonância, Lima Jr (2022) defende o ensino explícito de pronúncia dentro das propostas de ensino de língua estrangeira LE, observando que mesmo os professores, em geral, reconhecendo os benefícios de um contexto comunicativo, preferem focar seus objetivos de carga horária aos demais eixos.

Diante desses posicionamentos, fica apenas o questionamento de qual ou quais as melhores maneiras de propiciar um melhor ensino de pronúncia. De fato, a resposta pode estar no que se refere ao profissional possuir conhecimentos dos métodos e abordagens mais eficientes e fazer seus usos, adequando-se ao contexto no qual seja requisitado.

Alves (2012, p. 219) aponta também que "é preciso um ensino de pronúncia que aborde o sistema linguístico em uso, de modo contextualizado, voltado para a

realidade do aluno, conforme a caracterização de ‘instrução explícita’ a ser expressa a seguir”, isto é, que não seja baseado apenas em questões mecânicas de repetição de palavras.

A oralidade engloba diversos elementos, como o ritmo, a entonação, o acento e a pronúncia dos fones. Dessa forma, o ensino de pronúncia visa não apenas desenvolver a capacidade de reproduzir os sons corretamente, mas também promover a compreensão e a produção adequada desses elementos linguísticos.

Muitas vezes, os estudantes podem apresentar dificuldades em perceber e reproduzir os sons corretamente, por não terem o conhecimento dos fonemas da língua alvo, e em outros momentos o docente não ter tempo o suficiente para ofertar a introdução dos fonemas, ou não saber de fato sobre eles, acaba procurando uma facilitação ou adaptação dentro da língua nativa para apoiar-se na pronúncia dos fonemas.

Assim como aponta Cypriano (2022, p. 118), “é normal o aprendiz, inicialmente, procurar um som similar ao de sua LM, para tentar pronunciar uma palavra na LA”. A partir disso, o uso da instrução explícita com foco nos processos fonéticos-fonológicos ajuda a superar essas dificuldades, proporcionando um ensino mais objetivo e efetivo.

Para um ensino comunicativo de pronúncia, é possível adotar algumas propostas, como por exemplo, a desenvolvida por e Mesquita Neto e Souza (2023), que consiste em atividades diversificadas trabalhadas em 4 (quatro) etapas: a) aquecimento: que introduz a temática de maneira comunicativa buscando a interação e relaxamento da turma; b) conhecendo o som: que dispõe de uma explicação precisa do elemento sonoro, mostrando a realização e articulação, buscando com que o aluno possa notar as diferenças de posição da palavra ou variação, ou seja, os autores defendem um ensino explícito de pronúncia assim com Alves (2012) e Lima Jr. (2023); c) se comunicando: para esse passo são apresentados exercícios práticos, exemplos de situações comunicativas com o intuito de que os alunos adquiram uma consciência para realizar a produção do som e pratiquem de forma contextualizada a LE; d) finalizando: passo em que se determinam atividades mecanizadas de repetição com a intenção de realizar a correção fonética, podendo também ser feito a exploração dos sons estudados.

Sendo assim, realizar atividades de conscientização fonética, que envolvam a identificação dos sons, a discriminação auditiva e a prática de produção é importante.

Além disso, é necessário enfatizar a entonação e o ritmo da língua, por meio da utilização de exercícios de pronúncia em contextos comunicativos reais:

Não há ser humano desprovido da habilidade de comunicação. Assim como nossa língua materna – que adquirimos naturalmente e aprimoramos ao longo de nosso processo de aprendizagem formal – o aprendizado de uma língua estrangeira acontece para compreendermos e nos fazer compreendidos por quem nos rodeia (Silva, 2022, p. 63).

No que tange à afirmativa acima, é fato que a língua-alvo, ensinada por meio de abordagens apropriadas para cada objetivo e com ênfase na pronúncia pode proporcionar resultados significativos diante do ensino de línguas para uma melhor interação entre falantes nativos e não nativos da língua em questão. Outra sugestão, assim como mencionado na seção que trata sobre os métodos, alguns recursos audiovisuais como música, vídeos e gravações autênticas de falantes nativos de diferentes países e regiões, aliados à atividades focalizadas no elemento sonoro, podem proporcionar aos alunos um maior desenvolvimento das habilidades de compreensão auditiva e, conseqüentemente, aprimorar a pronúncia. Essa exposição a situações reais de comunicação ajuda os alunos a desenvolverem as habilidades de compreensão auditiva e aprimorar a pronúncia.

Pensando em um ensino baseado na abordagem comunicativa, devemos realmente ter um olhar mais crítico ao ensino de pronúncia, visando não apenas a repetição de palavras isoladas, mas sim a prática contextualizada. Barreto e Alves (2012, p. 233) alertam que “de fato, ainda que grande parte dos professores reconheça a necessidade de um chamado ‘ensino comunicativo’, contextualizado, voltado para as necessidades do aprendiz, vê-se que muitas das práticas de sala de aula se distanciam dessas premissas”, ou seja, essa abordagem deve ser, de fato, integralizada dentro do plano, e não apenas, repetir frases aleatórias em sala junto com os alunos, mas fazer com que tudo que já foi apontado nesse trabalho em relação a oralidade e pronúncia, seja posto em prática.

Em síntese, é essencial proporcionar oportunidades para a prática oral, por meio de interações entre os alunos e com o professor, tal fator é primordial para o desenvolvimento de uma proficiência comunicativa. O uso de atividades em pares ou em grupo, como debates, discussões e simulações, que integre uma conscientização

fonética, sistemática e a aplicação prática, permite que os estudantes aprimorem a pronúncia de forma contextualizada e colaborativa.

Portanto, o ensino de pronúncia deve ir além da simples articulação dos sons, buscando desenvolver a oralidade de forma global e comunicativa. A instrução explícita aliada a propostas práticas e, também, ao dominar a pronúncia, os alunos não apenas melhoram sua capacidade de se comunicar eficazmente, mas também enriquecem sua experiência na língua inglesa, abrindo portas para a compreensão cultural e interação global.

3 METODOLOGIA

A análise das propostas de ensino de oralidade e pronúncia no livro didático da educação básica do Brasil é necessária para obter-se um retrato de como está sendo proposta e trabalhada essas habilidades linguísticas. É importante verificar se elas se baseiam em teorias e metodologias atualizadas e se estão de acordo com as diretrizes curriculares (PCN, OCN e BNCC) e pedagogias para o ensino de língua inglesa, para assim, realizar uma leitura crítica de suas atividades e como estão dispostas no material.

Existem diversas variedades da língua inglesa, o que pode ser um desafio para o ensino de pronúncia e oralidade. Ressaltamos que para um trabalho voltado para a inteligibilidade e a compreensibilidade dos alunos, faz-se necessário detectar as variantes da língua inglesa que são trabalhadas, direta ou indiretamente, no livro didático. Sendo assim, ao analisarmos esse ponto no material, verificamos se a pronúncia é ensinada de forma padronizada e como é abordada a compreensão (percepção) de diferentes sotaques.

Com base no que foi falado, com a intenção de explicar de forma clara a metodologia usada, dividimos essa seção em três subseções. Na primeira, Desenho da pesquisa, apresentamos a abordagem e o tipo de pesquisa, relacionando nossas escolhas aos objetivos traçados. Na segunda subseção, Amostra, explicitamos o *corpus* de análise. Por fim, na subseção Análise dos dados, mostramos o passo a passo traçado e os critérios de análise.

3.1 Desenho da pesquisa

Este trabalho está composto por uma abordagem quali-quantitativa do tipo descritivo. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 52), a pesquisa descritiva "visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática". Dessa forma, descreveremos as atividades de oralidade, assim como observaremos como a pronúncia e seu ensino são abordados.

A análise qualitativa será usada para identificar as diferentes abordagens teóricas que o livro utiliza para se trabalhar pronúncia e a oralidade, e verificar se há

atividades específicas para o ensino de pronúncia. Além disso, a análise qualitativa pode ajudar a entender a visão dos autores no tocante à oralidade e como essa abordagem se relaciona com outras no livro didático.

Quanto à pesquisa voltada para a análise quantitativa, deverá incluir certos dados, como o número de atividades ou exercícios que tratam da oralidade no livro didático, as ferramentas disponíveis para o desenvolvimento da oralidade, entre outros. Alvarenga (2012) nos informa que em uma investigação pode-se utilizar diferentes paradigmas ao mesmo tempo, complementando-se na prática quando se quer aprofundar o estudo em alguns aspectos. A partir dessa análise, poderemos entender, com base num cálculo aritmético simples, o quantitativo da unidade destinado à aprendizagem da oralidade e/ou ensino de pronúncia. Dessa maneira, conseguiremos verificar a importância dada a cada tipo de atividade.

Alvarenga (2012, p. 11) ainda afirma que “a abordagem quali-quantitativa oferece a possibilidade de obter informações de maior profundidade e ao mesmo tempo maior amplitude do problema investigado”. A combinação dessas duas abordagens, fortalecem a busca para uma pesquisa mais fiel e completa, pois uma abordagem quantitativa por meio da mensuração das atividades voltadas ao eixo da oralidade distribuídas no livro didático, servirá de apoio à análise qualitativa, que fará a descrição dos processos, aprofundando os aspectos da análise.

3.2 Amostra

O material escolhido como *corpus* desse trabalho é o Livro didático *Way to English to Brazilian Learners*. Este material faz parte do PNL2020 e é utilizado pela educação básica nas escolas de ensino fundamental situadas no município de Iracema no estado do Ceará. Esta coleção dispõe de quatro livros para as séries do sexto ao nono ano do ensino fundamental II.

Para este trabalho foi selecionado o livro do sexto ano, tendo em vista que é a partir dessa série escolar que os alunos da rede básica de ensino entram em contato com o inglês dentro do ambiente escolar. A partir disso, é importante verificar como esse primeiro contato é desenvolvido, principalmente no que se refere à competência oral.

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), as competências do inglês devem ser introduzidas às aulas de maneira de fácil compreensão. No que concerne ao ensino

de oralidade, deverá apresentar propostas voltadas para a interação discursiva, compreensão oral e produção oral. Portanto, as análises desses quesitos servirão para identificar se o material está dentro dos parâmetros adequados requisitados.

3.3 Análises dos dados

As quatro etapas a seguir detalharão quais procedimentos serão feitos para o processo de análise do *corpus*.

I. Leitura detalhada do livro didático

A primeira etapa destina-se a uma leitura detalhada do livro didático, com o intuito de identificar as propostas de atividades de ensino de pronúncia e oralidade. Nesta etapa, é importante analisar cada unidade do livro, observando quais atividades e recursos são utilizados para ensinar a pronúncia e oralidade.

II. Identificação dos tipos de atividades encontradas

A segunda etapa consiste em identificar os tipos de atividades de oralidade e ensino de pronúncia que são encontrados no livro didático. Isso pode incluir atividades de repetição de palavras e sons, atividades de comparação de sons, atividades de produção oral, entre outras. Para isso, é imprescindível também, verificar se as atividades são adequadas para o público-alvo, ou seja, se o nível é apropriado para crianças da série sugerida.

Realizamos uma análise qualitativa das atividades propostas nas unidades do livro didático, buscando identificar aquelas voltadas para o ensino da competência oral. Observamos as instruções dadas aos alunos, a natureza das atividades (por exemplo, diálogos, debates, apresentações) e os recursos utilizados (áudios, vídeos, imagens). Assim, descrevemos as características específicas de cada atividade relacionadas à oralidade.

III. Verificação das variantes alofônicas do inglês utilizadas

Este procedimento envolve a verificação das variantes do inglês que são utilizadas no livro didático. No tocante ao terceiro objetivo específico, no qual buscamos identificar as variantes alofônicas apresentadas na obra em questão, analisaremos os materiais fonéticos presentes, como transcrições fonéticas, orientações específicas quanto ao uso de variantes e os áudios trabalhados nas atividades de compreensão oral ou de percepção.

É importante analisar se o livro aborda apenas uma variante de pronúncia do inglês, ou se também apresenta outras, ou ainda se o livro traz uma visão do inglês como língua franca. Nessa etapa também se verificará quais meios e materiais didáticos são utilizados. Isso é importante porque os alunos precisam estar expostos a diferentes variantes do idioma, a fim de que possam compreender e se comunicarem em diferentes contextos.

IV. Verificação se o ensino de pronúncia é contemplado separadamente da oralidade

A última etapa consiste na verificação das atividades de expressão e compreensão orais, verificaremos como o ensino de pronúncia é contemplado no livro didático. Serão observadas as seções ou unidades dedicadas à pronúncia, bem como as estratégias adotadas para trabalhar esse aspecto, por exemplo, se segue uma abordagem comunicativa para o ensino de pronúncia, se há uma preocupação pela instrução explícita (Lima Jr., 2022), entre outros. Verificamos ainda se havia exercícios específicos para a prática de sons, ritmo, entonação e outras características da pronúncia do inglês.

É importante que a pronúncia seja ensinada de forma separada da oralidade, já que ambas não são a mesma coisa, enquanto uma é contemplada em todo um contexto interativo-comunicativo, a outra é, em suma, focada no processo fonético-fonológico de reprodução do conjunto de fonemas, de maneira técnica e factível às correções no aprendizado. Tudo isso ajuda os alunos a desenvolverem a habilidade de produzir e compreender sons corretamente, o que torna sua comunicação mais efetiva.

Por fim, partimos para a análise quantitativa, que complementarará todas as etapas anteriores. Contabilizaremos o número total de atividades relacionadas ao ensino da oralidade e, de forma mais específica, os exercícios vinculados ao ensino de pronúncia. Dessa forma, mapearemos e verificaremos se existe um equilíbrio entre

as diferentes habilidades trabalhadas (expressão e compreensão orais, expressão e compreensão escritas).

Com base nessas etapas, foi possível realizar uma análise completa das propostas de ensino de pronúncia do inglês no Livro didático *Way to English to Brazilian Learners*. Isso permitiu identificar seus pontos fortes e fracos, bem como ajudar a aprimorar o processo de ensino e aprendizagem da pronúncia do inglês para alunos da educação básica.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Contextualizando a língua inglesa na educação básica, no Brasil não temos uma lei de obrigatoriedade da inserção da língua inglesa no currículo do fundamental I. Entretanto, há casos de escolas do ensino particular que adotam a LE desde os anos iniciais. O retardamento da inclusão do ensino da LE inibe o desenvolvimento do aluno. A inclusão da língua inglesa no currículo escolar brasileiro da rede pública, inicia-se a partir do Ensino Fundamental II, sendo esse o primeiro contato formal e específico do aluno com a língua dentro da sala de aula. Essa mudança não apenas amplia as perspectivas dos alunos, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades essenciais.

Considerando que a língua inglesa é um dos idiomas mais falados no mundo e uma língua franca em diversos setores, como ciência, tecnologia, negócios e cultura. Ao introduzir o inglês desde os anos finais do Ensino Fundamental, os estudantes têm a oportunidade de adquirir proficiência gradualmente, facilitando o aprendizado e aprimoramento ao longo dos anos. Além disso, o ensino do inglês nos anos iniciais proporciona aos alunos uma compreensão mais profunda da diversidade linguística e cultural. O contato com uma LE desde cedo estimula a curiosidade e a tolerância, promovendo a apreciação pela riqueza das diferenças culturais presentes no mundo contemporâneo.

A inserção da língua inglesa nas primeiras etapas do ensino também contribui para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Aprender uma segunda língua desde a infância pode aprimorar habilidades como resolução de problemas, pensamento crítico e criatividade, já que, nos anos iniciais, a criança está em processo de aprendizado e desenvolvimento cognitivo. O cérebro das crianças está especialmente receptivo a novos idiomas, tornando o processo de aprendizado mais eficaz e natural.

Para que a inserção do inglês tenha um maior êxito, a escolha do material didático mais adequado é de extrema importância. Considerando as inúmeras dificuldades de estrutura das escolas brasileiras e os eventuais desafios sociais das comunidades escolares, o material didático deve contemplar um equilíbrio dos eixos exigidos pela BNCC (2018) afim de que os alunos possam compreender a propostas de ensino e alcançar os objetivos previstos.

A implementação dessa disciplina nos anos iniciais deve ser cuidadosamente planejada, utilizando metodologias lúdicas e interativas - jogos, músicas, contos e atividades que estimulam a participação ativa dos alunos são ferramentas eficazes para tornar o aprendizado do inglês prazeroso e eficiente. Além disso, a formação de professores especializados é crucial para garantir que as aulas sejam dinâmicas e adaptadas às necessidades específicas dessa faixa etária. Como apontado na BNCC (2018, p. 241):

o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos.

A inclusão da língua inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Brasil é uma medida estratégica e benéfica. Ela não apenas prepara os estudantes para desafios futuros em um mundo globalizado, mas também contribui para a formação integral, promovendo a diversidade cultural, o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de comunicação. Apoiado nisso, a BNCC (2018, p 241) dispõe que:

Ensinar inglês com essa finalidade tem, para o currículo, três implicações importantes. A primeira é que esse caráter formativo obriga a rever as relações entre língua, território e cultura, na medida em que os falantes de inglês já não se encontram apenas nos países em que essa é a língua oficial.

Sendo assim, a eficácia dessa inserção dependerá da qualidade da implementação, do engajamento dos professores e da adaptação às necessidades específicas dos alunos nessa fase crucial de seu desenvolvimento educacional.

É importante ressaltar que, assim como apontado por Barreto e Alves (2012) e Silva e Martins (2022), o objetivo do ensino de pronúncia está na promoção de uma abordagem comunicativa, com foco no desenvolvimento das habilidades de compreensão e expressão oral, leitura, ou seja, o foco deve ser no desenvolvimento das habilidades de compreensão oral, expressão oral, leitura e escrita, visando a capacidade de comunicação eficaz em situações do cotidiano e não apenas em exames formais.

O livro didático utilizado nessa pesquisa é composto por oito unidades com títulos específicos de cada conteúdo a ser trabalhado. Todas as unidades são divididas em oito subtópicos: *Warming Up!*, *Reading Comprehension*, *Vocabulary Study*, *Talking It Further*, *Language In Use*, *Listening and Speaking*, *Writing* e *Looking Ahead*. Há apenas um subtópico destinado à prática oral e auditiva, sendo ele o *Listening and Speaking*.

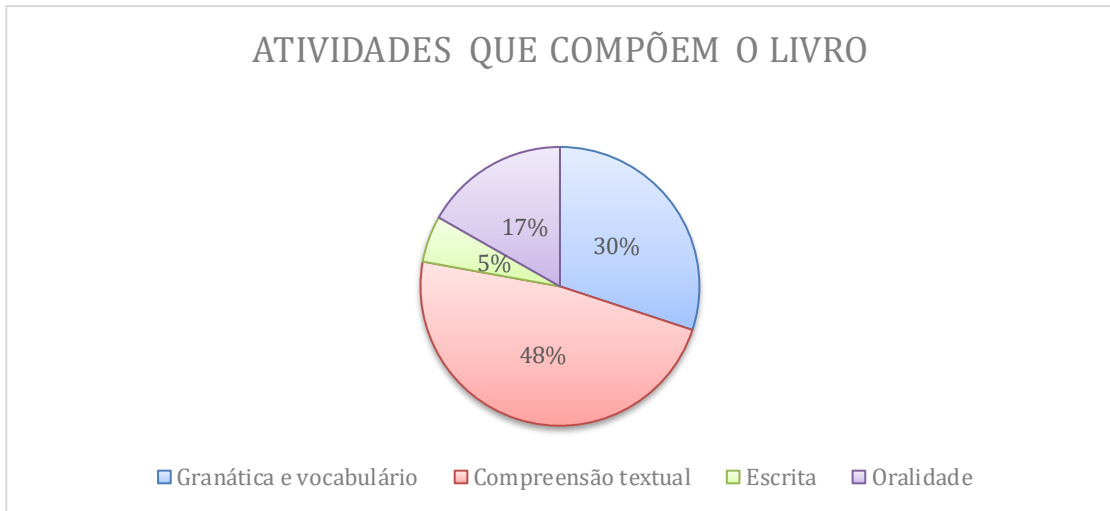
O livro apresenta as Competências Específicas de Língua Inglesa para o Ensino Fundamental, destacando aspectos relacionados à oralidade, pronúncia e comunicação em inglês. No entanto, é possível fazer algumas considerações críticas sobre o enfoque dado a essas competências.

Sendo assim, considerando a leitura do material didático, apontamos que em seu sumário indica em seus objetivos, contemplar as Competências Gerais da Educação Básica, Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental e Competências Específicas de Língua Inglesa para Ensino Fundamental. A partir dessas competências, os autores acreditam que podem atingir um nível adequado no ensino de Língua Inglesa.

Em seguida, o material destaca que disponibiliza a integração das quatro habilidades linguísticas e multiletramentos, compreensão escrita, produção escrita, compreensão oral e produção oral. As duas últimas em especial, focadas no eixo oralidade, visando a comunicação.

4.1 Divisão e aplicação das atividades

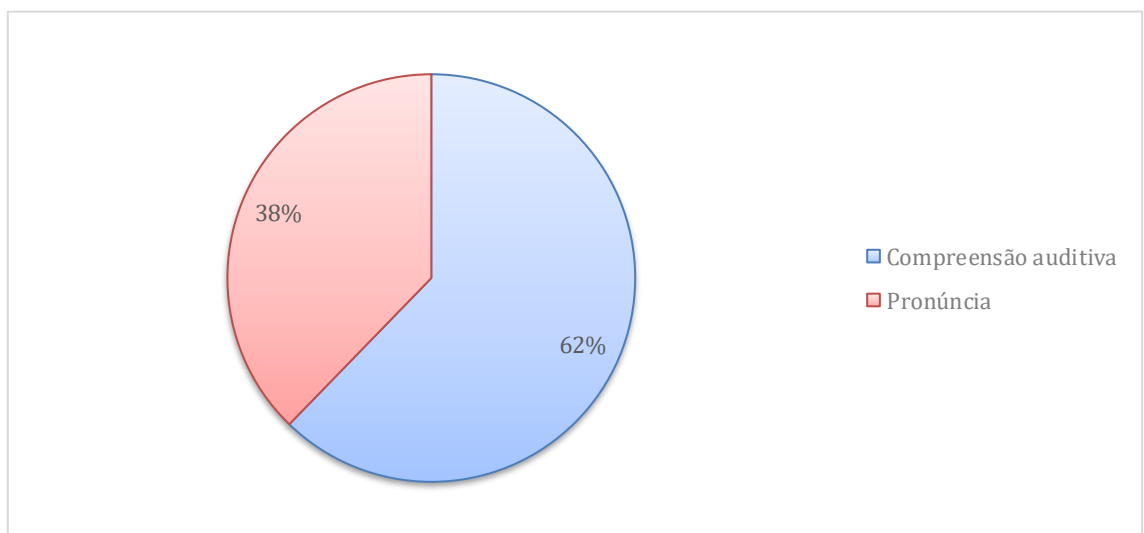
Durante a análise, contabilizamos um total de 306 atividades (questões) de modo geral, as quais são compostas por gramática e vocabulário, compreensão textual, escrita e oralidade. A seguir, observe o percentual da divisão dessas atividades.

Gráfico 01 – Quantitativo de atividades segundo tipologia.

Fonte: Elaboração nossa.

É notório o fato de que as atividades do eixo oralidade em relação as demais, possuem uma porcentagem inferior, correspondente a 17% do número total, sendo superior apenas aos exercícios específicos de escrita. No entanto, salientamos que as atividades vinculadas à compreensão textual e gramática também exercem a prática da escrita.

Para uma melhor percepção, confira no gráfico 2 a divisão de atividades de compreensão auditiva e de produção da pronúncia, que compõe o eixo oralidade desde material:

Gráfico 2 – Atividades vinculadas ao ensino de pronúncia e oralidade

Fonte: Elaboração nossa.

Do montante de atividades, 53 (cinquenta e três) foram as destinadas à prática da compreensão e produção oral, incluindo o ensino de pronúncia. Podemos notar que dentre as questões mencionadas, 38% delas têm como foco a produção, ou seja, a articulação dos sons. As demais atividades (62%) estão voltadas para a compreensão auditiva. Sendo assim, podemos constatar que além do próprio eixo oralidade não corresponder nem a ¼ das atividades do material, prioriza-se o *listening* ao *speaking*, o que caracteriza um desequilíbrio.

Na divisão das unidades, o autor, pelo menos inicialmente, busca trabalhar com as quatro habilidades linguísticas interligadas, com a intenção de obter um engajamento melhor. Todavia, a aplicação dessas habilidades não se vê na prática, já que o material pontua separação delas em três momentos. É pertinente apreciar a análise que Cypriano (2022) destaca em seu texto sobre o eixo oralidade no sexto ano disposto pela BNCC (2018):

Observa-se não só desenvolver o afeto do aluno pela língua-alvo, mas também algumas estratégias para a compreensão auditiva como *listening for gist and cognates*. É nesse período que o aluno começará a construir sua identidade na língua adicional (Cypriano, 2022, p. 21).

A 1ª unidade inicia com a seção *Reading comprehension*, focada em técnicas de leitura rápida (*skimming and scanning*), cujo o objetivo é localizar informações e partilhar com professor e colegas, que por muitas vezes vem acompanhado da pergunta “o que você entendeu desse texto?”. Para a segunda seção, o direcionamento está para o vocabulário, construção de repertório por meio das expressões de sala de aula e/ou do texto proposto na unidade.

A terceira seção disponibiliza conteúdo voltado para a linguagem em uso, o qual se volta especificamente para a parte gramatical. É neste ponto que já se tem o primeiro questionamento, de o porquê o foco ser exclusivamente a gramática, sendo que o uso da linguagem é mais amplo, em razão disso, a BNCC (2018) determina que o ensino de LE deve consistir em cinco eixos: oralidade; leitura; escrita; conhecimentos gramaticais e dimensão intercultural. Essa determinação compreende que a oralidade é tão fundamental quanto os demais eixos.

Na quarta parte, surge finalmente o *Listening and Speaking*, que atua separadamente das outras duas habilidades. Nessa seção, são utilizadas estratégias de compreensão de textos orais, especialmente as cognatas e pistas oriundas do

contexto discursivo, como também um incentivo para que o professor promova uma interação oral, afim de estimular o uso da língua inglesa.

Tais propostas, promovidas isoladamente, restringem o alcance de uma melhor compreensão, principalmente pelo fato de as estratégias serem apenas de identificação de palavras cognatas. Por fim, a última seção é especificamente voltada para a habilidade de *Writing*, cujo o objetivo é a produção de textos escritos, de maneira organizada com orientação do professor. O conteúdo deve ser direcionado para coisas e ações do dia a dia, como gostos, rotina, família, amigos e contexto escolar.

Para a segunda unidade, repete-se praticamente o mesmo roteiro da unidade I, com o adendo de uma parte de pronúncia que indica contemplar o reconhecimento de semelhanças e diferenças na pronúncia da língua inglesa e da LM ou demais línguas. Aqui, percebe-se uma espécie de ensino isolado da parte fonético-fonológica, mas sem disponibilizar a parte técnica de produção dos fonemas da língua, todavia, a abordagem empregada volta-se para repetição de sons. Considerando o posicionamento a seguir:

Aspectos fonético-fonológicos se tornam fundamentais no eixo fala e compreensão auditiva, já que por entender a pronúncia do outro e fazer com que a própria pronúncia seja compreendida são importantes para a apropriação da competência comunicativo-interacional. (Silva, 2022, p. 64).

A maneira que o livro aborda o processo de ensino de pronúncia, com a falta de interposição de conteúdo técnico pode resultar na aprendizagem com deficiências, como precisar se apoiar nos sons da língua nativa. Nesse interim, na unidade III, repete-se quase que por inteiro o roteiro da unidade I.

Para a unidade IV, o enfoque fonético-fonológico volta-se para um ensino de pronúncia específico, por meio de repetição de sons, assim como na unidade II, porém, adicionado de produção de textos orais com mediação do professor, que sugere um desenvolvimento da comunicação oral em grupo. Em alguns momentos, nas atividades de pronúncia, são solicitados aos alunos que tentem reproduzir alguns textos pessoais a partir das palavras que já fizeram repetição. Lima Jr. (2022) defende que deve ser incluído no ensino explícito de pronúncia tanto aspectos segmentais, quanto prosódicos, como também fazer relações grafofonêmicas da LE e LM.

Partindo para a unidade V, a seção direcionada para o trabalho de oralidade é voltada à produção de textos orais como nas unidades anteriores como também, escutar sons e fazer os reconhecimentos de palavras cognatas e palavras de apoio. Contudo, na unidade seguinte, vemos uma diferença, o foco aumenta nas demais habilidades, diminuindo no eixo oral, o qual dispõe apenas de uma proposta, ouvir e reconhecer sons - assim como visto na seção que antecede. Um ponto que nos chama atenção é o fato da proposta de ensino de pronúncia está inserida na seção de vocabulário.

Por fim, as últimas duas unidades estão direcionadas para o emprego das estratégias de produção e interação oral cotidiana e reconhecimento de sons a partir de texto orais. Para o professor, é disponibilizado alguns recursos de apoio, que o auxiliam no trabalho de oralidade e pronúncia. Os materiais são, dois CDs físicos, bem como os áudios a serem baixados no computador pelo site da própria editora, facilitando o acesso para o professor.

Um dos materiais de suporte ao livro é o CD em áudio, que está disponível para o professor de duas formas, CD mídia física e CD em áudios para uso direto em aparelhos como computador e smartphones, tal recurso apresenta textos orais de diferentes gêneros e aborda poucas variantes linguísticas (inglês norte-americano como padrão e inglês britânico apenas citando como variante diferente existente). Exercícios da seção *Listening and Speaking*, que são basicamente exercícios de repetição, o que segundo Farias (2014) e Mesquita Neto (2022) não se caracteriza como um ensino efetivo de pronúncia ou oralidade, mas sim, um processo de correção fonética, ou seja, replicar sons isolados, afim de tentar reprodução mais aproximada do captado.

A despeito das variantes disponíveis, o livro instiga o uso do inglês norte-americano e sugere ao professor que faça comentários sobre outras variantes, contudo, não disponibiliza conteúdo fonético que possa fazer a distinção comparativa entre eles. Sobre a variante linguística a ser adotada, Cypriano (2022, p. 116-117) nos diz que:

Trabalhar a oralidade implica fazer uma escolha, consciente ou não, da variedade linguística a ser utilizada como modelo ou padrão para o desenvolvimento da habilidade oral. Essa escolha nem sempre está nas mãos do professor, e sim da instituição de ensino onde ele trabalha; todavia, é importante ele ter ciência das opções para melhor assistir aos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem.

Com isso, mesmo com preferência por determinada variante ou por uma já imposta (seja pelo livro didático ou pela escola), devemos buscar introduzir alterações pertinentes ao público alvo, de modo de desmistificar que a língua estrangeira é homogenia e engessada.

Retomando a descrição das atividades do livro, encontramos também, músicas da seção *Sing a Song*, e conteúdos de outras seções relacionadas à compreensão oral e pronúncia em inglês, que se destaca pela parte do material que inclui exercícios para que os alunos compreendam como palavras e expressões podem ser pronunciadas de maneira inteligível em inglês.

No site, tem como opção de material de apoio, vídeos interativos com diferentes conteúdos, que possibilitam um trabalho mais dinâmico da língua, trazendo outra opção para o trabalho de uso prático da língua. A junção de imagem e som, fornece ao aluno um direcionamento mais específico nas aulas, tendo em vista o fato de os sons produzidos estarem sendo ligados ao que está sendo mostrado.

O material oferece também recursos digitais em sequências didáticas por bimestre, que abordam objetos de conhecimento e habilidades previstos. Elas incluem atividades que podem ser aplicadas independentemente do livro impresso.

As sequências didáticas detalham objetivos de aprendizagem, objetos de conhecimento, habilidades da BNCC, planejamento detalhado de cada aula, sugestões de abordagens alternativas e materiais necessários, enfatizando o acompanhamento do desenvolvimento do aluno.

4.2 Suficiência das Propostas

O CD em áudio disponibilizado como ferramenta de apoio ao ensino de língua inglesa é bem comum nos materiais didáticos referentes ao ensino de LE, este em questão destacamos como pontos positivos, sua abordagem acerca da variedade de gêneros e variedades linguísticas, incluindo músicas. Foca também na compreensão oral e pronúncia. Em contraponto, observamos uma possível limitação no que se refere à avaliação dessas práticas de estratégias, não fica claro se há uma avaliação do desempenho dos alunos na pronúncia e compreensão oral por meio do CD, cabe ao professor analisar essas propostas e a partir daí, buscar a melhor maneira de aferir

o desempenho do aprendizado, caso contrário, serão exercícios avulsos, sem um retorno claro e objetivo.

Arelado também aos recursos extras, dispõe-se de um material digital, do qual destacamos como outro ponto positivo, assim, oferta e disponibiliza sequências didáticas detalhadas, sugerindo diversas formas de avaliação e autoavaliação. Também destaca conexões com a BNCC e oferta conteúdo audiovisual que fortalece o ensino prático da língua. Este por sua vez, recurso recém integrado aos materiais didáticos, sendo de grande ganho técnico para o desenvolvimento escolar. Entretanto, foi detectado uma certa limitação no que concerne ao uso da tecnologia, a serem ofertadas mais maneiras de propostas de ensino e aprendizagem, já que os meios tecnológicos não se limitam apenas ao áudio, vídeo ou texto digital.

O material não parece abordar de forma abrangente a oralidade e pronúncia, mesmo oferecendo tanto atividades práticas no CD em áudio quanto sequências didáticas no material digital. As atividades são majoritariamente de percepção e no que tange o trabalho de produção do som, se limita a repetição dos sons solicitados. A suficiência dessas propostas dependerá da eficácia da implementação dada pelo professor e da resposta dos alunos. Como constatado nos gráficos deste trabalho, não se dispõe de uma abordagem equilibrada entre prática auditiva e produção oral que possa garantir um maior êxito na eficácia do aprendizado de pronúncia.

Quanto ao ensino explícito de pronúncia, não há em nenhuma das seções citadas, exercícios que propiciem esse ensino. Vale ressaltar algumas propostas de ensino explícito indicados por Cypriano (2022) como: marcar o *stress*, demonstrando nas palavras utilizadas nas aulas, como pronunciar e diferenciar o *primary stress*, e ressaltando também a importância do uso adequado para uma comunicação eficaz; Falar vagarosamente a sentença ou a frase, enfatizando a produção do som e divisão silábica (que também deve ser explicado seu uso e diferenças da língua materna). Além destas, a reprodução acompanhada pelo professor, indicando os movimentos articuladores é indispensável para que se compreendam os fonemas e os reproduzam. Estas propostas poderiam estar presentes no eixo oralidade, principalmente porque o aluno não está em contato constante com a língua estrangeira de maneira formal, já que durante o restante dos dias que não está na aula, está fazendo uso de sua língua nativa.

O livro aborda a importância da aprendizagem da língua inglesa no contexto globalizado, inclusive no mundo do trabalho. No entanto, não há ênfase na

importância da prática oral e na melhoria da pronúncia. A capacidade de se comunicar, de modo eficaz, oralmente é essencial para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, e seria benéfico destacar isso como uma competência específica.

Como os capítulos são divididos em seções, a ênfase oral é mínima, já que por sua vez, a pronúncia é trabalhada separadamente do contexto de produção de textos orais e também, do foco da linguagem, a qual o livro aborda numa seção separada. A promessa de ofertar a prática das quatro habilidades conjuntamente não se vê aplicada de fato, pois em todas as unidades estas são desmembradas causando essa quebra.

A competência específica 4 de língua inglesa para o ensino fundamental disponibilizada no livro didático destaca a importância de reconhecer a diversidade linguística como um direito e valorizar os usos heterogêneos, híbridos e multimodais nas sociedades contemporâneas. No entanto, o livro não fornece estratégias práticas para os professores desenvolverem essas habilidades nos alunos. Seria útil incluir diretrizes específicas ou exemplos de atividades que promovam o reconhecimento e valorização da diversidade linguística.

Para que ocorra de fato essa diversidade, o enfoque linguístico deve passar pela apresentação das variantes, cujo os fatores culturais e influências de outras línguas fazem parte dessas diversidades.

Já a competência específica 5 desse mesmo disposto, destaca o uso de novas tecnologias para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento em inglês. No entanto, é crucial abordar não apenas o uso, mas também a ética no ambiente digital. Seria útil incluir orientações sobre o uso ético, responsável e crítico das tecnologias, especialmente no contexto de comunicação em língua estrangeira.

A disponibilização do material em CDs físicos, bem como áudios e vídeos de maneira digital realmente ajuda no processo de aplicação das estratégias e metodologias, entretanto, o acesso a essas mídias digitais poderiam ser estendidas ao alcance dos alunos por meio de aplicativos para que possam ser utilizadas quando necessário, já que nem todos possuem acesso à aparelhos que reproduzem CDs físicos.

Outro adendo que poderia se tornar uma ótima ferramenta ao ser ofertado seria algum aplicativo que promova a interação do aluno com os textos orais e às práticas de ensino de pronúncia.

Embora o livro tente fazer uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade, seria benéfico destacar como o desenvolvimento da oralidade e da pronúncia está intrinsecamente ligado à compreensão e respeito pelas culturas representadas pela língua inglesa. Isso poderia ser abordado de maneira mais explícita para promover uma compreensão mais profunda da interconexão desses elementos.

Em resumo, enquanto o texto destaca competências importantes para o ensino de língua inglesa no Ensino Fundamental, algumas melhorias poderiam ser feitas para fortalecer o foco na prática oral, fornecer estratégias práticas, abordar a ética digital e destacar a conexão entre língua, cultura e identidade.

O texto descreve o suporte oferecido por um CD em áudio e material digital em um contexto de ensino de inglês, com foco na oralidade e pronúncia. Vamos analisar como a oralidade é abordada no livro e se as propostas do CD são consideradas suficientes.

No tocante às variantes da língua inglesa, esse material não apresenta uma quantidade diversificada, sendo que para um melhor aprendizado, o contato com distintas maneiras de falar o inglês é imprescindível, bem como matizar juntamente a isso, aspectos socioculturais de cada região ou país que utilize o idioma. Durante as estratégias de abordagem de oralidade e especificamente, nos exercícios de pronúncia, o professor é instruído a dar ênfase nos fonemas referentes às palavras que serão usadas na atividade. Entretanto, não se tem nenhuma seção em que seja ofertado a maneira como funciona a produção de sons e as diferenças dos fonemas do inglês e sua língua nativa, ou seja, assim como Lima Jr. (2022) defende que se deve conhecer o como fazer, pois, é necessário para a automatização de uma ação, que nesse caso, é falar uma LE. A falta desses fatores pode implicar em uma deficiência no processo de aprendizado da pronúncia da língua.

Apesar do subtópico se chamar *Listening and Speaking*, os exercícios são focados em compreensão auditiva, e não há um ensino explícito de pronúncia dessas mesmas sentenças e palavras utilizadas na compreensão auditiva, o que se configura um desequilíbrio da proposta do subtópico, como também deixa de lado a produção fonética por parte dos alunos.

É importante frisar que além de não deixar claro a variante utilizada, também não aborda a diversidade linguística do idioma estrangeiro. A presença da pluralidade da língua é indispensável tanto para se trabalhar a percepção dos alunos diante dos

sons, assim evitando uma surdez fonológica, como também é importante para mostrar que não há variante superior a outra. Todos esses pontos acima mencionados são relevantes para se obter um melhor desempenho, já que, na rede pública de ensino, os alunos têm seu primeiro contato com a língua inglesa a partir do sexto ano, sendo assim, o material didático é a ferramenta mais adequada para proporcionar uma inserção mais adequada da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise do *corpus*, é possível perceber que o material didático em questão aborda de maneira abrangente, mas ao mesmo tempo superficial as Competências Específicas de Língua Inglesa para o Ensino Fundamental, dando certo destaque aos aspectos relacionados à oralidade, pronúncia e comunicação em inglês. O livro propõe uma integração das quatro habilidades linguísticas e multiletramentos, evidenciando a importância da língua inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Brasil como uma medida estratégica e benéfica.

Todavia, algumas considerações pertinentes podem ser levantadas quanto à implementação prática das propostas. A divisão das unidades, apesar de buscar interligar as habilidades linguísticas, acaba separando-as em momentos distintos, o que pode limitar o alcance de uma compreensão mais aprofundada. Além disso, a ênfase dada à gramática em uma seção específica suscita questionamentos sobre a abordagem mais ampla do uso da linguagem, e esta abordagem referida não deve ser trabalhada separadamente, pois a oralidade, gramática, e vocabulário são partes pertencentes do que a torna língua.

A análise das atividades propostas revela que a prática da oralidade e pronúncia ocorre de maneira fragmentada, com seções separadas e estratégias isoladas. A promessa de integração das habilidades não se concretiza, comprometendo a eficácia do ensino da língua inglesa. A repetição em praticamente todas as unidades do livro acerca da identificação de palavras cognatas e palavras de apoio, limita o alcance do processo cognitivo do aluno a apenas focar no ponto solicitado e desconsiderar o restante do texto. E como já foi apontado neste trabalho, esse primeiro contato dos alunos com a língua inglesa, deve se tomar o máximo de cuidado, afim de que não se prejudique todo o processo de aprendizado nos demais anos seguintes.

No que diz respeito aos recursos extras, como o CD em áudio e o material digital, observa-se uma abordagem positiva na diversidade de gêneros e variedades linguísticas. No entanto, há uma ressalva quanto à possível limitação na avaliação das práticas de estratégias, especialmente na pronúncia e compreensão oral. O material digital é elogiado por oferecer sequências didáticas detalhadas, mas destaca-se a necessidade de ampliação das formas de propostas de ensino e aprendizagem, considerando a diversidade de meios tecnológicos disponíveis.

Como já abordado na seção anterior, no que tange as competências específicas de língua inglesa para o ensino fundamental, a competência 4, que destaca a importância de reconhecer a diversidade linguística, é mencionada, mas sugere-se uma melhoria na apresentação das variantes linguísticas e na inclusão de estratégias práticas para os professores desenvolverem essas habilidades nos alunos. Quanto à competência 5, que aborda o uso de novas tecnologias, destaca-se a importância de incluir orientações sobre o uso ético, responsável e crítico das tecnologias, especialmente no contexto de comunicação em língua estrangeira.

É de grande importância que as editoras que façam parte do PNLD, busquem aprimorar a implementação de suas estratégias e propostas de ensino mais adequadas e próximas do que solicita a rede básica de ensino, assim como a BNCC (2018), visto que suas atualizações perante as outras leis que regem a educação básica, foram realmente importantes e contributivas, principalmente no tocante o eixo oralidade que outrora era pouco aproveitado, quando não, deixado de lado.

Essa pesquisa demonstra a importância para a observação de como essas mudanças estão sendo apontadas e aplicadas nas escolas, advindo de inúmeros estudos dos profissionais da educação que buscam sempre estarem em constante evolução. E como as línguas estão em evolução diariamente, é imprescindível a busca de estratégias que contemplem não somente a língua si, mas também tudo que a integra e a modifique.

Em síntese, embora o texto destaque competências cruciais para o ensino de língua inglesa no Ensino Fundamental, apontam-se melhorias necessárias para fortalecer o foco na prática oral, oferecer estratégias mais práticas, abordar a ética digital de maneira mais explícita e destacar a conexão entre língua, cultura e identidade. A análise do suporte oferecido, como o CD em áudio e o material digital, indica pontos positivos, mas ressalta a importância de uma abordagem mais abrangente e efetiva para garantir o aprendizado eficaz da pronúncia.

REFERÊNCIAS:

ALVARENGA, Estelbina Miranda. **Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa.** *Normas técnicas de apresentação de trabalho científico.* Tradução Cesar Amarilhas. 2ª ed. Assunção. A4 diseños, 2012;

ALVES, Ubiratã Kickhöfel. **A explicitação dos aspectos fonético-fonológico da L2: teoria e pesquisa na sala de aula.** In: LAMPRECHT, Regina Ritter; BLANCO-DUTRA, Ana Paula (org) (et al.). *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa.* 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 211 - 230.

BARRETO, Fernanda Menna; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. **Como inserir o ensino comunicativo de pronúncia na sala de aula de L2.** In: LAMPRECHT, Regina Ritter; BLANCO-DUTRA, Ana Paula (org) (et al.). *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa.* 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 231 – 258;

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018;

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília, 2006;

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental.** Brasília, MEC/SEF, 1997;

CYPRIANO, Ana Paula Tavares de Moraes Silva. **Documentos oficiais e oralidade em língua adicional no ensino básico.** In: PINHO, José Ricardo Dordron (org). *A oralidade no ensino de línguas estrangeiras.* São Paulo: Parábola, 2022, p. 13-26.

CYPRIANO, Ana Paula Tavares de Moraes Silva. **A pronúncia e a oralidade nas aulas de língua inglesa.** In: PINHO, José Ricardo Dordron (org). *A oralidade no ensino de línguas estrangeiras.* São Paulo: Parábola, 2022, p. 115-134.

FARIAS, M. S. **Reflexões sobre o ensino de pronúncia nas aulas de línguas estrangeira.** In: RIBEIRO, E. S.; FARIAS, M. S. (orgs.). *Ensino de línguas estrangeiras: O que é? Como se faz?.* Curitiba: Editora CRV, 2014.

FARIAS, M. S. **La enseñanza dela pronunciación del español a estudiantes potiguares y cearenses: diagnóstico y propuesta didáctica.** 2018. 368f. Tese (Doctorado Español: investigación avanzada en lengua y literatura) – Facultad de Filología. Universidad de Salamanca, 2018.

FRANCO, Claudio.; TAVARES, Kátia. **Way to english for brazilian learners - 6º ano: ensino fundamental, anos finais – 2. ed. – São Paulo: Ática, 2018.**

HAUPT, Carine; AQUINO, Neliane Raquel Macedo. **Análise do tratamento da pronúncia em materiais didáticos.** In: PINHO, José Ricardo Dordron (org). *A oralidade no ensino de línguas estrangeiras.* São Paulo: Parábola, 2022, p. 91-114.

LIMA JR, Ronaldo. **O ensino explícito de pronúncia.** In: PINHO, José Ricardo Dordron (org). *A oralidade no ensino de línguas estrangeiras.* São Paulo: Parábola, 2022, p. 79-90.

LIMA JR., Ronaldo; SILVEIRA, Roseane. **O sistema vocálico do inglês.** In: ALVES, Ubiratã Kickhöfel (org.) et al. *Fonética e Fonologia de Línguas Estrangeiras: subsídios para o ensino.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 19-57.

MESQUITA NETO, Jose Rodrigues de; SOUSA, Liliane da Silva. **Ensino de pronúncia: uma alternativa válida nas aulas de inglês do ensino básico.** In NASCIMENTO, Gilcilene Lélia Souza. et al (org). *Produtos educativos & Metodologias de ensino.* Pau dos Ferros: Rede-TER, 2023, p. 47-58. V. 6 187 p.

NETO, J. R. de M. **Ensino de pronúncia: uma abordagem comunicativa dos elementos segmentais.** *Trama*, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 42, p. 90–101, 2022. DOI: 10.48075/rt.v17i42.27117. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/27117>.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013;

SILVA, Simone Batista; MARTINS, Lia Santos de Oliveira. **A avaliação das habilidades orais.** In: PINHO, José Ricardo Dordron (org). *A oralidade no ensino de línguas estrangeiras.* São Paulo: Parábola, 2022, p. 45-60.

SILVA, Victor Ramos. **A pronúncia no ensino de línguas estrangeiras.** In: PINHO, José Ricardo Dordron (org). *A oralidade no ensino de línguas estrangeiras.* São Paulo: Parábola, 2022, p. 61-78.